

Nº 16 — 4º ANNO — ESPECIAL CONFERÊNCIA

50 CENT.

O TRABALHADOR

MENSUEL DE LA C.G.T. POUR LES TRAVAILLEURS PORTUGAIS

CGT

**“OS TRABALHADORES
QUE DEIXAM O SEU PAÍS
POR RAZÕES ECONOMICAS,
SOCIAIS OU POLITICAS,
NÃO SERÃO JAMAIS CONSIDERADOS
PELAS NOSSAS ORGANIZAÇÕES
COMO ESTRANGEIROS”**

**BENOIT FRACHON
PRESIDENTE DA CGT**

EXTRATOS DO RELATÓRIO DE

Marius APOSTOLO

Membro da Comissão
Administrativa da C.G.T.



O tema que domina a tribuna : « Igualdade de direitos, solidariedade na luta, entre trabalhadores franceses e imigrados » não é fortuito.

De facto, há apenas quatro dias, milhões de trabalhadores unidos, significaram numa resposta pronta, energética e poderosa, o seu profundo descontentamento, em face do mau êxito das discussões de Tilsitt, de cujo mau êxito, são responsáveis o governo e o patronato.

Como durante a greve de Maio-Junho, centenas de milhares de trabalhadores imigrados, cessaram o trabalho e manifestaram ao lado dos seus irmãos de la classe française, recusando como eles, de serem progressivamente frustrados, das vantagens adquiridas depois de uma longa luta.

Todos, em conjunto, estão determinados a perseguir a acção sob a responsabilidade das organizações sindicais, dentro das normas apropriadas e decididas democraticamente, se o governo e a patronato persistem de recusar a negociação.

Há na país, quem se agite imenso, em torno dos problemas da imigração.

As campanhas da imprensa, mais ou menos mal intencionadas, têm-se multiplicado ultimamente, fazendo assim eco dos grupos nacionalistas C.D.R. que, desfilando nos Campos Eliseos, em Junho ultimo, gritavam : « A França aos franceses ».

Uns e outros alimentam deste modo, o racismo e a antipatia pelos estrangeiros.

Jamais houve, tantas associações ditas « Sem politica », com o fito de « ajudarem » os imigrados. Os gaullistes se misturam, as missões religiosas, os consulados, a policia politica estrangeira, dobram de actividade. O Ministro do Interior francês ameaça de expulsão os estrangeiros que não respeitam a « neutralidade politica », e para que sirva de exemplo, ataca alguns dos pretendidos « conspiradores » que tiveram a audacia de reclamar o direito de viver dignamente.

Quem é responsável da imigração, tal qual, ela se efectua ?

Depois de ter declarado « não seremos nós que constataremos, o papel importante que a imigração tem em França », Marius

Apostolo analisa as estatísticas respeitante à imigração, e continua :

.. Essencialmente, os imigrados vêm dos países capitalistas da Europa, dos países em via de desenvolvimento e antigamente colonizados, e também, dos departamentos e territórios ultramarinos.

Uns foram obrigados a fugir das ditaduras fascistas, que reinam nos países, tais como, a Espanha, Portugal e a Grécia.

Todavia, a maior parte se expatria por razões, económicas.

Os regimes de grandes proprietários terreneos, de feudalismo e de banqueiros, destes países da Europa ocidental, são incapazes de assegurar o trabalho e o pão das massas laboriosas, e de desenvolver em proveito do povo, as suas riquezas naturais.

Estes regimes de exploração e opressão, constroem a parte mais jovem e dinamica da população, a emigrar em não importa que condições. Eles pensam por este modo, de congestionar o mercado do trabalho demasiadamente obstruído, e ao mesmo tempo, fazer face á agitação social que poderá resultar do descontentamento crescente dos trabalhadores desempregados. O que aliás, eles não conseguem, pois que, tanto em Italia, como em Espanha ou em Portugal, as greves sucedem-se.

Os responsáveis da emigração são também, os regimes colonialistas que durante décadas pilharam os países colocados sob a sua dependencia, deixando-lhes como triste herança, uma economia atrasada, centenas de milhares de desempregados, na sua maior parte, analfabetos, e sem qualificação profissional.

Os acordos de mão de obra, assinados pela França e as suas antigas colonias, não despreendem eles o odor do petroleo, do gaz, do mineral de cromo, de urânio ou de ferro ?

Os movimentos migratórios não são como alguns pretendem, « um fenómeno internacional inelutável, uma necessidade dos tempos modernos ».

Não é por acaso, se a composição actual da mão de obra imigrada em França, é diferente daquela de antes da guerra.

Havia a essa época, pouco mais ou menos 500.000 polacos, de dezenas de milhares de checoslovacos, húngaros, bulgaros, rumanos, etc.

Hoje, esta imigração desapareceu praticamente, pois que, o regime socialista, em abolindo a propriedade particular dos meios de produção, suprimiu há infima minoria, os privilégios de outrora, assim como, as possibilidades de explorar o povo, acabando deste modo, com o desemprego, chaga crónica dos regimes capitalistas.

Fez-se assim a prova do espirito de classe e solidariedade operaria internacional, demonstrando ao mesmo tempo as realidades, aos trabalhadores franceses e imigrados.

A politica de imigração do poder, e do patronato

Tendo examinado as razões que impelem o poder e o patronato francês a procurar a mão de obra imigrada, e os objectivos perseguidos, Marius Apostolo faz a demonstração de que :

... O poder gaulliste não considera o problema da mão de obra imigrada como um fenómeno temporário, nem secundario, mas sim, como um elemento fundamental sob o ponto de vista, da sua politica economica e social.

... A concorrência entre os trabalhadores é realmente uma arma temível nas mãos dos capitalistas, que a empregam com o fim, de fazer pressão sobre o conjunto da classe operaria.

Todos os meios são bons para oporem uns contra os outros, em vista de agravar ainda mais, as condições de vida e de trabalho de todos os assalariados ; de elevar os franceses contra os imigrados, os imigrados contra os franceses, os imigrados entre si, mas também, os jovens contra os mais velhos, os homens contra as mulheres, os operarios contra os empregados ao mês, os desempregados contra aqueles que têm trabalho.

Nós sabemos que o desemprego é uma chaga dos regimes capitalistas. Que é também uma necessidade para os monopólios, logo que, eles consideram que o exercito de reserva é insuficiente, desenvolvem-o artificialmente, a fim de poder, como eles dizem, distender o mercado do trabalho, fazer pressão sobre o conjunto da classe obreira, e travar as lutas reivindicativas.

Continua na página 3

O TRABALHADOR — ESPECIAL

CONFERÊNCIA NACIONAL PARA A DEFESA E ORGANIZAÇÃO DOS TRABALHADORES IMIGRADOS

A situação actual, — declarou ele — nos obriga a dar as mais largas explicações aos trabalhadores, sobre as causas desta situação, de combater com mais vigor e perseverança as campanhas doentias que visam a regeitar sobre os imigrados as responsabilidades de todas as dificuldades, de tomar medidas concretas a fim de assegurar a defesa dos trabalhadores imigrados, e realizar a larga reunião de todos os assalariados, sejam quais forem as suas nacionalidades ou a cor da sua pele...

O orador analisa em seguida as recentes medidas governamentais « medidas que aplicam certas restrições no processo de regularização » e continua: « as lutas obreiras não são estranhas às medidas tomadas ».

Os trabalhadores imigrados participaram, em massa, e vieram reforçar a C.G.T. O poder e o patronato parecem ter tirado a conclusão desta realidade.

Marius Apostolo desenha em seguida o quadro das inumeráveis discriminações de que são alvo injustamente os trabalhadores imigrados, as dificuldades encontradas no domínio da formação profissional, a readaptação dos mutilados do trabalho, da reconversão, da necessidade do alfabetismo, e encadeando sobre a orientação da C.G.T. declara:

— A Conferência Nacional marcará uma nova e importante etapa na actividade da C.G.T., para a defesa e organização dos trabalhadores imigrados.

Trata-se de tarefas que dizem respeito, não sómente aos trabalhadores imigrados, mas em primeiro lugar, às direcções das organizações confederadas, ao nível do nosso movimento sindical!

A fim de se avançar resolutamente nesta via, será necessário responder com vigor e argumentos, às idéas nefastas para os trabalhadores franceses e imigrados, que são propagadas entre a classe operaria.

E verdade que a classe operaria francesa tem uma longa tradição de internacionalismo, mas é de acreditar que nem todos os trabalhadores franceses e imigrados têm espontaneamente uma visão clara sobre o móbil dos monopólios, sobre a comunidade de interesses que existe entre todos os assalariados?

Tanto mais, que, depois de algum tempo a esta parte, tem-se desenvolvido uma campanha, especialmente entre os trabalhadores argelinos, que tenta a fazer crêr que a solidariedade da classe operaria é um mito, que não há nada de comun entre os trabalhadores franceses e imigrados, que « a melhoria da sorte do imigrado, pode-se fazer sómente, com o concurso do governo ».

Os esquerdistas por seu lado, atravessam-se no caminho, esforçam-se de isolar os imigrados da classe operaria francesa e de os afastar da C.G.T.

A comunidade de interesses que liga os trabalhadores franceses e imigrados, apareceu mais claramente no decorrer da greve de Maio-Junho; em lutando juntos, eles arrancaram importantes sucessos, benéficos a uns e a outros.

Depois dos trabalhadores franceses e imigrados terem dado numerosos exemplos da luta em comum, Marius Apostolo, declara especialmente:

... Como fez lembrar o camarada Benoît Frachon, a sociedade capitalista não se divide em trabalhadores de diferentes nacionalidades, mas em duas classes fundamentais: os exploradores e os explorados.

A igualdade de direitos em todos os domínios, não é sómente uma questão de humanidade e justiça, mas também, o meio de lutar contra a concorrência entre trabalhadores, concorrência essa, desejada pelo poder e o patronato, contra o racismo e a xenofobia.

É necessário fazer cessar o tráfico de homens, as discriminações de todas as espécies, essa forma moderna de escravatura, que é a vergonha do regime.

Que em todo o nosso movimento sindical, se proceda a uma vasta campanha, a fim de exigir do governo, a elaboração de uma coerente política de imigração, que seja conforme aos interesses dos trabalhadores imigrados, franceses, e da nação, que reconheça de direito e de facto, a igualdade entre todos os assalariados, seja qual for a sua nacionalidade.

Depois de ter insistido sobre os principais pontos da Carta Reivindicativa, Marius Apostolo continua:

... É a partir das empresas e dos estaleiros (chantiers) que, as reivindicações essenciais contidas na Carta Reivindicativa deverão ser popularizadas, completadas; é a partir das empresas e dos estaleiros que se deverá continuar a acção, franceses e imigrados unidos.

Examinando depois, a tarefa das organizações da C.G.T., ele declara:

É necessário que todo o movimento sindical, tenha consciencia da



importancia da imigração. Fazer penetrar a orientação da C.G.T. junto dos trabalhadores franceses e imigrados, fazer compreender melhor, a psicologia específica dos trabalhadores imigrados que, não se integram de corrida, na luta, na luta de toda a classe operaria francesa.

E para mostrar aos trabalhadores imigrados que eles devem tomar o seu lugar na luta da classe obreira francesa, que eles devem fazer, com o apoio das nossas organizações, frente às pressões, as manobras de todas as espécies, que visam a os isolar e os afastar dos trabalhadores franceses...

Antes de concluir, Marius Apostolo, insiste sobre a promoção dos quadros sindicais e a sua formação, as permanências sindicais de assistência aos trabalhadores. A I.N.C.A., com o auxilio dos nossos camaradas da C.G.I.L., oferece-nos grandes possibilidades na defesa dos trabalhadores italianos, mas também, permitindo-lhes, de tomar lugar no combate comun, a difusão da imprensa em lingua maternal.

Sobre o alfabetismo funcional, ele declara em substância:

... Certamente que a C.G.T. não tem pelos seus proprios meios, a pretensão de liquidar o analfabetismo em França. A solução do problema incumbe em primeiro lugar, ao poder, e ao patronato, os quais devem pôr em pratica os meios que correspondam à amplitude e à gravidade do problema.

Entretanto, a C.G.T. entende desenvolver as suas proprias actividades e auxiliar mais ainda, as suas organizações a preparar cursos escolares.

Depois de ter tratado sobre a importancia das comissões da mão de obra imigrada, dos grupos de lingua, Marius Apostolo conclue nestes termos:

... A classe operaria francesa tem uma longa tradição de internacionalismo. Ela acolheu sempre fraternalmente os imigrados, apoiado as suas lutas pelos seus direitos e interesses, do mesmo modo que, um apoio reciproco se manifesta nos combates comuns.

Hoje ela afirma a sua solidariedade ao heróico povo do Vietnam, aos povos de Espanha, de Portugal e da Grécia, a todos aqueles que lutam contra o fascismo, pela liberdade, pela independencia, pela paz.

Fiel a esta gloriosa tradição, a C.G.T. apela os seus militantes e os seus aderentes, todos os trabalhadores franceses e imigrados, a combater por todos os meios, a discriminação, o racismo e xenofobia, a estreitar os laços de fraternidade, a fim de, melhor combater os objectivos dos exploradores comuns, para a defesa dos interesses imediatos e o futuro de todos os trabalhadores.

Ela apela os trabalhadores franceses e imigrados a aderir e a reforçar os sindicatos e secções sindicais C.G.T., a fim de se ir ao encontro de novos e mais importantes sucessos.



O ASPÉCTO DA CONFERÊNCIA

A REPRESENTAÇÃO

- 326 delegados, dos quais, 188 militantes franceses e 136 militantes imigrados.
- Entre os militantes imigrados, contavam-se, 48 espanhóis, 37 algerinos, 25 italianos, 15 portugueses, 4 malianos, 2 tunisianos, 2 senegaleses, 1 camaronez, 1 belga, 1 apátrida. Dois imigrados tinham a idade de 18 anos, um metalurgista espanhol e um metalurgista português, doze tinham menos de 25 anos e trinta cinco menos de 30 anos.

Estavam representados:

- O Secretariado Confederal, por Benoit Frachon, Presidente da C.G.T., Germaine Guille, Marcel Caille, Livio Mascarello, Leon Mauvais, Jean-Louis Moynot, Jean Shaefer, secretários da C.G.T.
- 20 Federações industriais : Agricultura, Alimentação, Construção Civil, Madeiras, Cerâmica, Coiros e Peles, Serviços Públicos, Vestuário, Industrias Químicas, Metais, Papel-Cartão, Saúde Pública, Sub-Solo, Textil, Transportes, Sindicatos Marítimos, Empregados, Caminhos de Ferro, Correios e Telefones, Livro, Espectáculos.
A Federação dos Metais estava representada por 69 delegados franceses e 47 delegados imigrados, a Federação da Construção Civil, por 53 franceses e 39 imigrados, a Federação da Agricultura, por 8 franceses e 4 imigrados, a Federação do Sub-Solo, por 7 franceses e 4 imigrados, a Federação das Industrias Químicas, por 3 franceses e 11 imigrados...
- 56 Uniões Departamentale : Ain, Alliers, B.-Alpes, Htes-Alpes, Alpes Mmes, Ardèche, Ardennes, Aube, Aude, B.-du-Rhône, Charente, Cher, Côte d'Or, Dordogne, Drôme, Finistère, Gard, Hte Garonne, Gironde, Hérault, Isère, Landes, Loir-et-Cher, Loire, Loiret, Hte Marne, Meurthe-et-Moselle, Morbihan, Moselle, Oise, Nord, Pas-de-Calais, Puy-de-Dôme, B. Pyrénées, Htes Pyrénées, Pyrénées Orientales, Bas Rhin, Haut Rhin, Rhône, Saône et Loire, Sarthe, Savoie, Hte Savoie, Seine Mme, Seine-et-Marne, Tarn, Var, Vaucluse, Hte Vienne, Paris, Hauts-de-Seine, Seine-Saint-Denis, Val-de-Marne, Essonne, Yvelines, Val-d'Oise.
- Muitas Federações e Uniões Departamentais, estavam representadas pelos seus Secretários.
- Numerosos sindicatos, Uniões Locais, Uniões sindicais dos Trabalhadores da Metalurgia, Uniões sindicais da Construção Civil.
- Os membros da Comissão Confederal da mão de obra imigrada e dos grupos de língua confederais, Africano, Algeirino, Espanhol, Italiano e Português.

Entre os convidados, encontravam-se :

- Enrico Vercellino, representando a Confederação Geral Italiana do Trabalho (C.G.I.L.)
- Antonio Motta, representando a I.N.C.A. - C.G.I.L.
- Maurice Gastaud, representando a Federação Sindical Mundial, junto da U.N.E.S.C.O.
- Dr. Fernand Banahim, advogado

Documentos adoptados no decorrer dos trabalhos :

- Um apelo aos trabalhadores franceses e imigrados
- Uma resolução
- A Carta Reivindicativa
- Tres moções dizendo respeito à situação em Espanha, em Portugal e na Grécia.

AS SAUDAÇÕES DA C.G.I.L.

Em nome da C.G.I.L., o camarada Vercellino transmite à Conferência, à C.G.T. e aos trabalhadores franceses e imigrados, as calorosas e fraternais saudações da C.G.I.L.

« Em França e em Italia — declara ele — nós conduzimos em 1968 e em 1969, as maiores lutas e grèves, que a Europa conheceu nestas ultimas dezenas de anos, pelo aumento de salários, Segurança Social, direitos sindicais e democráticos dos trabalhadores, seus interesses vitais, a paz no Mundo, a liberdade e independência dos povos ».

Ele sublinha que as duas idéas fundamentais da Conferência são :

- A igualdade de direitos.
- A solidariedade de facto, entre imigrados e trabalhadores nacionais.

Consideradas pela C.G.I.L. como questões centrais e decisivas.

Ele continua :

« Esta Conferência, imponente e bem organizada, é um vivo exemplo de solidariedade e de colaboração entre trabalhadores de diferentes países. Esta Conferência se concretiza na análise dos problemas postos, da Carta Reivindicativa, como assim, de outros documentos ; combativa pelo seu profundo espírito de classe, de solidariedade e de internacionalismo, é também um vivo exemplo dos problemas, e da acção que nos liga.

Abordando os aspectos concretos de solidariedade entre os movimentos operários dos países de emigração, ele cita o exemplo da I.N.C.A. (Instituto Nacional Confederal de Assitência) criado em Italia, e que se desenvolve em França, graças ao acordo C.G.T. - C.G.I.L., e no maior interesse dos trabalhadores italianos e de suas familias.

Ele insiste também sobre certos aspectos da situação económica e social do mercado comum, e sobre a idéa que, o mais brevemente possível, a C.G.T. e a C.G.I.L. deveriam estar representadas nas instancias europeas.

Em concluindo ; ele exprime a sua convicção que a aproximação entre os sindicatos dos países interessados, será benéfico para o conjunto dos trabalhadores.

AS INTERVENÇÕES

75 delegados francêses e imigrados subiram à tribuna.

Militantes africanos, algerinos, espanhóis, francêses, italianos e portugueses, falaram das condições difíceis, por vezes desumanas, nas quais trabalham e vivem, os imigrados de todas as nacionalidades.

Na tinturaria Champagne, em Troyes, o representante da União Departamental C.G.T., de Aube, explica que, trabalhadores algerinos passam 10 a 12 horas por dia com os pés dentro de água, isto por um salário de 3,20 francos à hora.

Numerosas intervenções fazem acentuar a falta de higiene e segurança, no que diz respeito aos trabalhadores imigrados, e a necessidade de tomar medidas adaptadas à sua presença, assim como, a readaptação após os acidentes de trabalho: um delegado português de uma empresa de construção civil declara: « se forem sobre o estaleiro do aeroporto de Roissy, em França, se bem que haja em média 80 a 90 % de imigrados, vós vereis por todos os lados letreiros escritos sómente em francês, dizendo é obrigatório trazer o capacete na cabeça... Nós podemos ainda citar o caso de um trabalhador originário da África do Norte, que foi licenciado em seguida a um acidente de trabalho, que lhe custou a amputação de quatro dedos da mão, declara o representante das Yvelines.

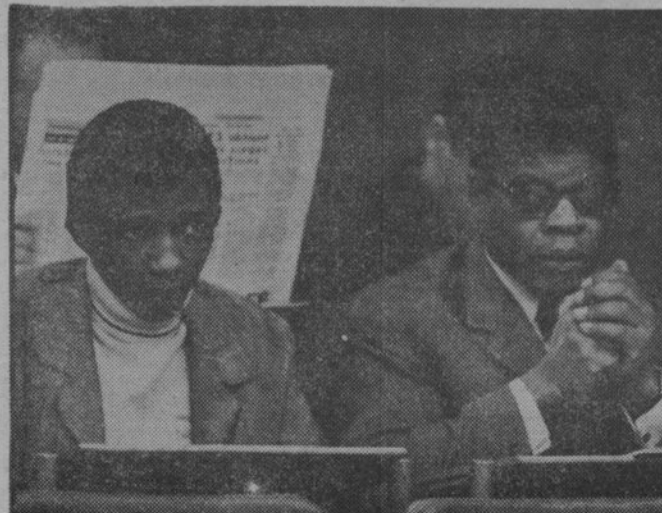
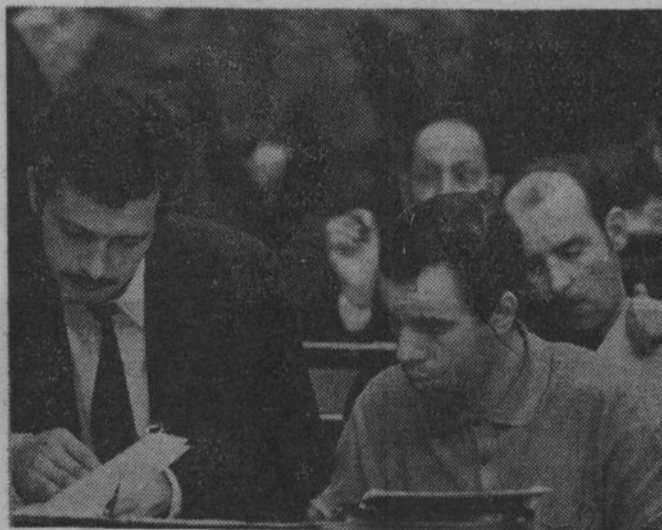
Um camarada da União Local de Aubervilliers, dá um exemplo, dizendo: « como eles vivem, 16 dentro de um quarto de dormir de 10 m², com camas sobrepostas, pagando cada um 100 francos por mês ». Numerosos delegados falaram dos « negociantes do sono e da sopa ». Das casas de malta, dos abarracamentos, dos centros de albergamento, um camarada da União Departamental do Norte, dirá: « as condições de alojamento, de trabalho, têm muitas vezes repercussões nefastas.

Os oradores demonstraram igualmente, a extensão das discriminações de que injustamente são alvo os trabalhadores imigrados, como seja: segurança social, abono de família, direitos sindicais, os filhos, etc.

Jovens imigrados disseram em que condições eles vieram para França, suas ilusões, suas revoltas. Eles explicam como muitas vezes os patrões tentam de os afastar dos seus camaradas francêses: « a concorrência diz um algerino empregado na empresa de alimentação VIBIS, da região parisiense, começa logo que o patrão engaja espanhóis a 4 francos à hora, quando ele paga 3,08 francos à hora, pelo mesmo trabalho, aos algerinos empregados na empresa depois de 3 e 4 anos. Portanto, 4 francos à hora não é pagar muito ». O representante da União Departamental de Haute-Garonne diz: « uma empresa electrica de Toulouse, engaja portugueses a um salário de menos 50 centimos à hora, em relação aos outros trabalhadores da empresa. A intervenção dos delegados C.G.T. fez acabar com este estado de coisas ». Um jovem português delegado da União Local de Gonesse et Luzarches, no Val d'Oise, acrescenta: « os trabalhadores francêses e imigrados não são os responsáveis do desemprego - a S.N.C.F. vai suprimir kilometros e kilometros de via ferrea, como assim, milhares de empregos.

Cada um explica os múltiplos « roubos » de que são vítimas os imigrados, como este espanhol de Tarn que diz: « as somas devidas pelos patrões ao Ofício Nacional de Imigração, são muitas vezes os imigrados que as pagam ». O representante da União Departamental da Sarthe, mostra como logo, que a C.G.T. se ocupa e denuncia este facto escandaloso, os patrões regularizam as somas em questão, como é de direito, aliás.

Continua na página 8



11ª CONFERÊNCIA NACIONAL PARA A DEFESA E ORGANIZAÇÃO DOS TRABALHADORES IMIGRADOS

Alocação de **Benoit FRACHON** Presidente da C.G.T.



CAMARADAS,

Dada a importância da mão de obra imigrada trabalhando actualmente, no nosso país, a C.G.T. deve considerar como uma tarefa de primeiro plano, a sua organização e a sua defesa, contra a exploração capitalista da qual ela é objecto.

Contudo, para nós, não se trata sómente disso. Os trabalhadores que deixam o seu país por razões económicas, sociais ou políticas, não serão jamais considerados pelas nossas organizações, como estrangeiros. Eles fazem parte da mesma classe que os proletários franceses isto é suficiente para que nós os recebamos que os tratemos como iguais.

Há já muito tempo que nós conhecemos a imigração, nós atravessámos períodos de desemprego, período em que, os patrões e a reacção levavam a cabo infames campanhas, a fim de desviar o descontentamento e a colera dos trabalhadores franceses, em direcção dos trabalhadores imigrados que, como eles diziam, «vinham comerro seu pão».

Jamais, e em algum momento, a C.G.T.U. desde o primeiro instante, e em seguida a C.G.T. reunificada, nós deixámos desenvolver estas campanhas de antipatia para com os estrangeiros, sem os denunciar vigorosamente. Nós temos sempre defendido os trabalhadores imigrados, desempregados ou não, da mesma maneira que os outros, assim como temos contribuído também, a desenvolver entre nós, verdadeiros sentimentos de fraternidade e de solidariedade proletária internacional.

Hoje, quando a consciência de classe penetrou mais profundamente na classe operária, quando as organizações sin-

dicais têm preponderante papel e desempenhar nas lutas de classe, nós temos os meios não sómente, de os apoiar, e de ajudar os nossos irmãos imigrados, mas também, de os levar, eles mesmo, a participar à nossa luta comum.

Muitos de entre eles, participaram alhures; esta coloboração na luta pelas reivindicações e liberdades operárias, contribuiu de toda evidência, a reforçar os resultados obtidos.

Em procedendo assim, nós ajudamo-os a se sentirem proletários a parte inteira, como hoje se diz, o seu orgulho cresceu tanto quanto.

Há alguns anos, no momento em que começava o afluxo de trabalhadores portugueses, um dirigente deste país, vindo a Paris com o fim de organizar o enquadramento destes trabalhadores nas missões reacínarias, havia ele notado no seu relatório, que a C.G.T. estava a caminho de fazer destes obreiros, revolucionários e de comunistas.

Jamais, depois deste dia, eu não tinha recebido assim tão bela homenagem em honra da C.G.T., e ao bom senso dos trabalhadores de Portugal.

Há com toda a certeza dificuldades particulares, para que estes trabalhadores militem connosco. Os capitalistas franceses, não os recrutaram para que eles venham a sêr militantes operários.

Ao contrário, os constrangimentos que les procuram a lhes impôr, são destinados, não sómente, a uma exploração em grande escala; mas também, a criar condições mais favoráveis, a fim de os meterem em concorrência com os operários franceses, tanto em salários, condições de trabalho, liberdades políticas e sindicais.

É por esta razão, que nós devemos também tomar a sua defesa, e combater estas desigualdades.

Mas, nós não o pederemos fazer com toda a vivacidade e vigor necessários, se nós nos limitamos a simples sentimentos de solidariedade. Nós teríamos assim, um ar de caridosos, o que seria humilhante para eles.

Certamente, nós devemos fazê-lo, e por vezes mesmo, tomar iniciativas que eles proprios não poderão tomar sempre, mas em os considerando como aliados e como homens, como proletários capazes de agir, e contribuirem, a se fazerem respeitar.

É sómente se nós pensarmos assim, que eles se encontrarão livres e em casa deles, dentro das nossas organizações sindicais, que eles terão a alma de militar como nós.

Nos documentos que serão submetidos à Conferência, estão reunidas sugestões e proposições, que me parecem, corresponder, à necessidade de responder e de fazer malograr eficazmente todas as manobras que praticam e que querem manter, o Estado e o patronato, a fim de utilizar a mão de obra imigrada, nos seus proprios interesses.

Eu penso que a discussão que se vai desenrolar aqui, confinará a determinar, os métodos práticos, a fim de, permitir, a aplicação das decisões que serão tomadas, e que o nosso trabalho com os trabalhadores imigrados para lhes ganhar os mesmos direitos que aos trabalhadores franceses, poderá avançar, fazendo-se deste modo, novos progressos a caminho do internacionalismo proletário.

AS INTERVENÇÕES

Muitos oradores fizeram o ponto das lutas recentes, dizendo como os trabalhadores imigrados se sindicaram, como eles lutaram ao lado dos trabalhadores francêss, a fim de, confinar as reivindicações e a igualdade de direitos, comum a todos os trabalhadores.

Um delegado italiano da fabrica metalurgica de Pompey, declara logo de entrada : « *Eu transmito à Conferência as fraternais saudações dos meus camaradas da Uniao Local de Pompey - Liverdum - Fronard - Custines. Eu peço-para desculparem os camaradas que não puderam participar à Conferência, em razão das acções reivindicativas que se desenvolvem actualmente, e que são, a resposta dos trabalhadores francêss e imigrados, contra os licenciamentos e injustificadas sansões* ». Um dirigente da União Local da Construção Civil de Seina St-Denis, explica : « *os trabalhadores imigrados podem e querem lutar. Na nossa profissão, para mais de 75 % dos nossos sindicatos, são imigrados* ». O delegado da fabrica Citroën de Nanterre (Hauts-de-Seine) expõe : « *No dia seguinte aos acontecimentos da Maio-Junho, 62 % dos sindicatos eram de origem imigrada* ». Um camarada do Nord, acrescenta tambem : « *Em Dunkerque, na empresa de construção civil Herlicq, sobre 300 assalariados, dos quais, 100 imigrados espanhols e italianos, nós contamos 225 sindicatos C.G.T. Graças à acção, os nossos camaradas vêm de obter um aumento de 6 % e o bonus de cabaz passa de 4,74 a 6 francos, e ele acrescenta : « nesta empresa, sobre 5 delegados titulares, nós temos 1 espanhol e um outro italiano.*

« *Na cervejaria de Arcueil-diz um delegado imigrado da Africa do Norte - depois da criação do sindicato C.G.T. as coisas modificamram-se, 95 % de pessoal votou pela C.G.T., sobre 14 delegados, hà, 8 algerinos e 1 africano. A direcção organizava a arvore de Natal para quem ela muito bem entendia, hoje, a arvore de Natal é uma festa para todos, para todas as crianças, sem distinção alguma da raça ou da cor da pele, jamais antes isto tinha acontecido.*

« *Nas papelarias de Nanterre, por exemplo, em seguida à grève de Maio, nós obtivemos para os argelinós e maroquinos, quatro semanas de férias sem sôlido, que se juntaram às férias pagas, e com a garantia de não perder ao voltar, as vantagens já adquiridas* », declara o representante da Federação do Papel-Cartão.

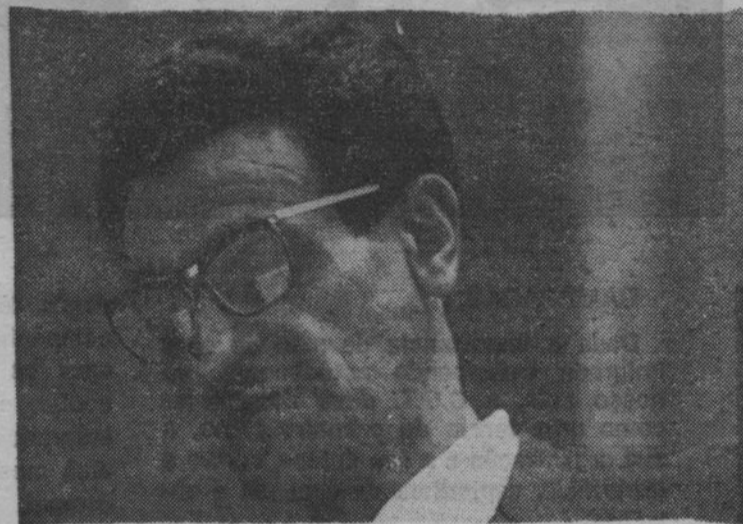
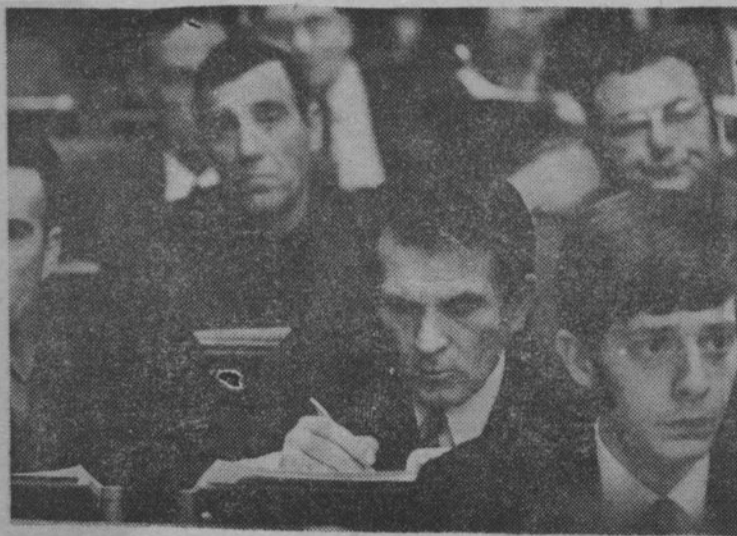
« *Antes de Maio de 1968, não havia organização sindical na empresa Allinquant, em Levallois (Hts-de-Seine), hoje sobre 500 assalariados conta-se 70 % de imigrados ; a C.G.T. regista 300 sindicatos de todas as nacionalidades. Os trabalhadores algerinos, maroquinos, malianos, espanhols, iugoslavos, italianos, portugueses, francêss, elegeram os seus delegados do pessoal, participando aos 90 % dos votos.*

O delegado da Federação dos Serviços Públicos e da Saúde Publica « *os trabalhadores imigrados fazem-nos confiança e aderem em grande numero à C.G.T. A sua participação à grève de 11 de Março foi maciça, e mesmo determinante nos serviços da via publica, onde eles são numerosos* ».

O representante do sindicato C.G.T. Citroën insiste sobre : « *os resultados positivos adquiridos ao fim de 36 dias de grève, foram em parte alcançados, graças à participação, lado a lado, dos trabalhadores francêss e imigrados* ».

Na agricultura, faz lembrar o representante da Federação, « *os trabalhadores imigrados deram a sua contribuição à luta, e para aqueles que clamam que a grève de Maio-Junho não serviu para nada, e que os imigrados nada obtiveram, ele elucida* » os trabalhadores francêss e imigrados arrãncaram de uma só vez 56 % de aumento, e mais um aumento anual de 6 %.

Continua na página 9



AS INTERVENÇÕES

Imigrados e franceses fizeram vêr os deveres reciprocos de todos os trabalhadores, face ao explorador comum, e a comunidade de interesses que os une, face à politica anti-social do poder gaulliste e dos monopólios.

Numeros foram os oradores que demonstraram a nocividade do procedimento daqueles, tais como, gaullistes, missões, associações que se dizem « sem politica », esquerdistas, etc., que tentam em vão, cavar um fôssco entre imigrados e franceses.

« Um jornal da tarde fez mesmo correr o boato, de que, trabalhadores africanos de St. Mandé, tinham comido um português. narra um delegado africano de uma empresa de Montreuil.

Um delegado português de Lyon, informa : « que ha aqui em França « bufos » da policia politica portuguesa, que se infiltram nas concentrações portuguesas, sómente com o fim de os impedir de participar nas lutas operarias, fazendo assim, o jogo do patronato francês ». Na fabrica Simca, diz ainda um delegado francês das Yvelines - a direcção organizou uma permanencia da embaixada de Espanha, no interior da empresa, isto no momento mesmo, em que os trabalhadores espanhols lutam contra o fascismo franquista, e pelo triunfo de uma politica democratica e social, no seu país.

Os oradores que se sucederam na tribuna, acentuaram a carência governamental em matéria de formação profissional e alfabetismo.

« Cursos de Alfabetismo », esta questão vêm frequentemente ao espirito : cursos de francês têm tido lugar em Toulouse, diz o delegado da Haute-Garonne, aos quais participam 50 imigrados. Na C.G.T. nós vamos organizar escolas para ensinar o francês, informa o delegado italiano dos Alpes-Maritimes.

A actividade das organizações sindicais em direcção dos imigrados, a sua participação à vida sindical, foram assuntos largamente debatidos na Conferência. Cada um acentua a necessidade de se fazer, ainda melhor, e criticaram mesmo, embora fraternalmente, mas com firmeza esta ou aquela posição ou esta ou aquela atitude : um dirigente dos Pyrénées-Orientales : « nós devemos lutar contra duas tendencias, aquela que consiste a deixar os imigrados entregues a eles mesmo, e aquela que consiste a não lhes dar o devido lugar dentro das organizações sindicais, incluindo a direcção das mesmas.

Os delegados mostraram os progressos realizados : « a nossa União departamental segue permanentemente todos os problemas, nos constituimos um colectivo de trabalho que incluye : 1 francês, 1 espanhol, 3 italianos, 1 português e 1 algerino. Dois grupos de lingua, espanhol e italiano funcionam actualmente, precisou o representante da U.D. de Isère ; o delegado da construção civil de Marseille, diz : « no serviço juridico da nossa União Sindical das Bouches du Rhône, espanhols, algerinos e italianos auxiliam-nos nas nossas permanencias semanais.

Num modo geral, todos aqueles que intervieram, insistiram sobre a necessidade de reforçar a C.G.T., a fim de se chegar a impôr « a igualdade de direitos, em todos os dominios, tanto para os trabalhadores franceses como para os trabalhadores imigrados, assim como tambem, a Carta Reivindicativa da C.G.T.

Embora com acentuações diferentes, os delegados afirmaram o apoio da classe operária, aos trabalhadores do mundo que lutam pela sua liberdade, tanto em Espanha, como em Portugal, na Grécia ou no Médio Oriente. Um dos delegados espanhols da fabrica Renault, terminou a sua intervenção criando : « Viva o heróico povo do Vietnam », um algerino, obreiro da construção civil, grita em seguida. « Viva a internacional solidariedade dos trabalhadores ».





IIª CONFERÊNCIA NACIONAL

Conclusões de Léon Mauvais

dade de direitos, numa palavra, eles empregam todos os meios a fim de, impedir a união e a acção, dos trabalhadores imigrados e franceses.

Ao mesmo tempo, e isto não nos pode causar admiração, campanhas racistas, xénofobas e fanáticas, são conduzidas junto dos trabalhadores franceses, contra os trabalhadores imigrados.

AGIR COM FORÇA E CONTINUAÇÃO

Há uma imperiosa necessidade de denunciar estas manobras, e de afirmar na acção, a nossa solidariedade a estes trabalhadores e a estas trabalhadoras.

É importantíssimo para todos os militantes, de possuir pleno conhecimento das condições de vida, de trabalho, e dos mais diversos problemas que preocupam os trabalhadores imigrados. Isto é indispensável para que se possa defender e exprimir correctamente, as suas reivindicações.

Todavia, nós queremos acrescentar uma nova noção das coisas. Nós devemos-nos sensibilizar, e tudo fazer, a fim de melhor compreender os trabalhadores imigrados.

Eu explico-me, eles não formam uma camada à parte da classe operária francesa, no sentido indicado por alguns, que queriam vê-los se arrebatar contra os trabalhadores franceses, o que daria como resultado, o de vir a facilitar a exploração capitalista.

Não é menos verdade, que a nossa atenção deve ser atraída pelas suas situações, a exploração, as condições nas quais eles estão alojados, como eles vivem realmente, etc.

Há incontestavelmente nisto tudo, aspectos particulares que será necessário conhecer bem, para assim, melhor compreender os trabalhadores imigrados.

Terá que se fazer de maneira tal, que, em todas as circunstâncias, no trabalho, no lugar de habitação; os trabalhadores imigrados se sintam como fazendo parte da grande família dos explorados do nosso país, que nós somos sensíveis, assim bem, às suas reivindicações, que, às suas condições de hábitat, à sua geral condição de vida.

EM TODA A PARTE E EM TODAS AS CIRCUNSTANCIAS

A solidariedade de combate dentro das empresas, deve ser acompanhada de medidas concretas para que, fora da empresa, os trabalhadores imigrados nos vejam igualmente ao seu lado, examinando com eles os seus problemas, e, ajuda-los a resolve-los.

Múltiplos exemplos poderiam ser dados - e eles foram alguns que tertemunham os progressos já realizados neste sentido, no que diz respeito aos trabalhadores imigrados.

TOMAR AS INDISPENSÁVEIS MEDIDAS

Para o trabalho entre os imigrados, medidas particulares devem ser tomadas. Se colectivos

de trabalho devem ser constituídos, e designados os responsáveis para seguir estas questões

— o que é indispensável nós devemos estar cónscios de que pertence a todas as direcções sindicais, seja qual for o seu nível, de examinar os problemas, a passe palavra reivindicativo e de acção, e enfim, santirem-se plenamente responsáveis...

... Fazer-se-há de maneira em que, a defesa e a organização dos imigrados, faça parte integrante de toda a nossa actividade, como se faz com as outras categorias...

Em certos ramos, nas empresas, não se poderá conceber a acção de massa, sem que se tome todas as medidas para defender, unir e fazer agir, os trabalhadores imigrados.

Os problemas relativos às liberdades sindicais em favor dos imigrados, reveste sempre uma grande importância. As manobras do patronato e do governo, são muitas vezes acompanhadas de pressões policiais e administrativas, em diversas formas, e mesmo por vezes, seguidas de detenção e expulsão. É necessário insistir sobre o facto de que as organizações da C.G.T. devem não só denunciar todas estas manobras, pressões e repressão, mas também, de tomar medidas concretas a fim de apelar os trabalhadores imigrados e franceses à acção unida, para assim, se fazer gorar estas medidas.

No que diz respeito à propaganda, seja ela oral ou escrita, não sómente a C.G.T. e as suas organizações editam jornais e manifestos, na propria lingua dos imigrados, como preconiza reuniões especiais, nas quais, os militantes imigrados e franceses serão convidados a dar a conhecer a sua opinião, sobre a posição, e, o passe palavra, da C.G.T.

Em numerosas corporações e empresas, um largo recrutamento foi operado em Maio-Junho ultimos, entre os trabalhadores imigrados, o que é sintomático.

Todavia, muito mais terá que se fazer; reforçar a C.G.T. no campo da imigração, é reforçar as nossas possibilidades — cumum a uns e a outros — de realizar a solidariedade de combate.

Teremos também que multiplicar os apelos e os meios praticos, para se organizar sobre uma base de massa, o recrutamento dos trabalhadores imigrados.

E não é tudo, faltará reforçar ainda mais as medidas já tomadas no respeitante à formação sindical dos nossos camaradas imigrados, fazer de maneira que, eles possam representar o seu papel, não sómente nas empresas, nas secções e sindicatos, mas também, nas direcções das U.D. e das U.L., nas Federações, e naturalmente, na Confederação.

Não será jamais, insistir demasiado, sobre a luta a travar sistematicamente, para se fazer respeitar e prolongar, as liberdades e direitos já adquiridos, mas também, para se utilizar ao maximo as liberdades sindicais dentro das empresas; liberdades estas, adquiridas em Maio-Junho ultimos.

As reuniões dos grupos de lingua, de sindicatos na C.G.T., assim como, reuniões acessíveis a todos os trabalhadores devem ser organizadas nas empresas, e cada vez em maior numero, a fim de dar a conhecer as posições, soluções e reivindicações da C.G.T., e de lhes forcener a possibilidade de darem o seu alvitre, em todo o conhecimento de causa.

O camarada Leon Mauvais, sublinha que a Conferência foi muito boa, util e sobretudo oportuna.

Ele reclama a atenção dos delegados que, nas suas conclusões, ele insistirá particularmente sobre quaisquer problemas, dos quais, extraímos algumas passagens, que nós julgamos como essenciais, à actividade da C.G.T.

COMUNIDADE DE INTERESSES É UNIDADE DE COMBATE

... Organizar, defender os imigrados, exigir que o patronato e o governo satisfaçam de direito, as reivindicações legítimas dos trabalhadores imigrados, relativas às suas condições de trabalho e salários, às condições de hábitat, às suas condições de vida, estas, dizendo respeito, por sua vez, às questões sociais e administrativas, tudo isto, não é sómente defender-nos devemos faze-lo — os trabalhadores imigrados, é também lutar, pelas nossas proprias reivindicações.

Como cada um vê bem, exprime-se assim, uma comunidade de interesses, uma exigencia de igualdade de direitos, por consequência, a solidariedade de combate entre trabalhadores imigrados e franceses é uma necessidade e uma realidade.

XÉQUE AOS DIVISORES

Esta concepção do principio de comunidade de interesses, de igualdade de direitos e de solidariedade de combate, é posta em causa pelo poder gaulliste e pelo patronato. Por seu lado, como cada um muito bem sabe, os consulados, diversas associações ditas de « ajuda », as missões religiosas, de diversas formas e feitios, não nos faltam, fazendo côro com os patrões e com os governantes franceses. Ao mesmo tempo, além de que, eles multiplicam as pressões e « conselhos » a fim de desviar os trabalhadores imigrados de lutar lado a lado com os seus camaradas franceses e com a C.G.T., que os apela justamente, à união e à acção.

Nesta Conferência, nós devemos fazer lembrar que, pretendios « revolucionários e convencidos internacionalistas » põem também em causa, a solidariedade de combate entre os trabalhadores franceses e imigrados.

Eles vão mesmo até ao ponto de dizer, e escrever, que os imigrados formam uma camada à parte da classe operária francesa, que os seus interesses não coincidem com aqueles, dos trabalhadores do nosso país; eles põem em causa, a comunidade de interesses e igual-

IIª CONFERÊNCIA NACIONAL

RESOLUÇÃO

A Conferência Nacional da C.G.T. para a defesa e organização da mão de obra imigrado em França, reunida em Paris, nos dias 15 e 16 de Março de 1969, saúda os trabalhadores imigrados que, conjuntamente com os trabalhadores franceses, participaram em massa, às grandes lutas de Maio-Junho de 1968, assim como, às jornadas nacionais de Fevereiro e Março de 1969.

Ela aprecia positivamente os resultados das lutas de Maio-Junho, e particularmente aqueles obtidos pelos trabalhadores imigrados. Estes sucessos são uma etapa para eles, assim como, uma nova e grande experiência na luta, para a igualdade de direitos.

A luta, contra os ataques às liberdades dos trabalhadores imigrados, pode tornar-se vitoriosa se ela for conduzida com tenacidade e união, como testemunha a anulação do decreto governamental de expulsão contra um militante mineiro da Moselle.

Em França, o numero de trabalhadores imigrados anda à volta de dois milhões.

Em todas as circunstâncias, eles participaram aos combates da classe operária e do povo francês, para o bem estar, as liberdades e a paz.

Muitos de entre eles, fecundaram com o seu sangue, as terras de França, para mais, a Conferência Nacional faz seu, o principio fundamental, segundo o qual, todos os obreiros, seja qual for a sua raça ou a sua nacionalidade, pertencem a uma só e mesma classe: a classe operária. Eles estão ligados por interesses comuns. Eles devem-se unir, organizarem-se e agir, dentro dos seus sindicatos.

A Conferência denuncia o poder e o patronato, que, por intermédio da sua propaganda, tentam arremessar uns contra os outros, trabalhadores franceses e trabalhadores imigrados. Ela denuncia e condena os governos que fazem da exportação da mão de obra, uma industria do Estado, e aqueles que têm por fim, de a utilizar como uma mão de obra a baixo preço.

Esta politica favoriza a sobre exploração das condições de trabalho, de remuneração, de qualificação, de formação profissional, de alojamento. Ela agrava as disparidades em matéria de abono de família e Segurança Social. Ela acentua as discriminações existentes nos direitos sindicais.

As organizações da C.G.T. lutarão para que sejam aplicados nas empresas, os direitos sindicais adquiridos em Grenelle, a sua extensão sem discriminação. Nós combateremos os meios discriminativos utilizados pelo poder, contra os trabalhadores e militantes imigrados.

As recentes lutas permitiram de registar resultados importantes, que vêm demonstrar, que uma tal situação pode ser modificada.

A Conferência pronunciou-se por uma politica de imigração, assim como, conforme aos interesses dos trabalhadores franceses e imigrados, assim como, ao interesse nacional.

A carta reivindicativa adoptada pela Conferência Nacional, reafirma os direitos dos trabalhadores imigrados, depois do seu

recrutamento no pais de origem, até às suas condições de vida e de trabalho em França. A C.G.T. apoiará todas as medidas tomadas neste sentido.

Embora apreciando os resultados obtidos no sentido da igualdade de direitos, a Conferência Nacional considera que, a situação actual necessita da parte das organizações da C.G.T., um estudo e um trabalho de envergadura, à medida, que os problemas serão postos.

O esforço da C.G.T. deve-se de desenvolver ao nível das empresas, para a elaboração e consequencia, de programas reivindicativos, nos quais, serão incluídas as reivindicações próprias à mão de obra imigrada.

As direcções sindicais ajudarão as secções sindicais, em todas as realizações neste sentido.

Sobre o plano de batalha de idéas, as organizações da C.G.T. responderão com vigor, às ignóbeis campanhas racistas, desenvolvidas pelos adversários do movimento operário. As publicações da C.G.T. contribuirão com todo o seu poder.

A Conferência apela aliás, todas as organizações sindicais a fazerem o maior esforço a fim de, difundir os jornais mensais editados pela C.G.T. à intenção dos trabalhadores argelinos, espanhóis, italianos e portugueses, assim como, a difusão do material da empresa sindical, editado em diferentes linguas.

Eles farão também os maiores esforços no que diz respeito a educação. Em todas as escalas, os problemas da mão de obra imigrada serão integrados nos problemas educativos, incluindo, a campanha de alfabetismo. Iniciativas serão desenvolvidas no que diz respeito à formação sindical dos imigrados, a partir dos locais de trabalho, e utilizando os novos direitos sindicais.

Ela designará os responsáveis da M.O.I. e elegirá as comissões da M.O.I. e os grupos de lingua, em toda a parte onde, se não tenha ainda feito.

As Comissões da M.O.I. assim como os grupos de lingua, funcionarão sobre a responsabilidade das direcções sindicais, elas participarão à elaboração, a fim de ajudar as direcções a responder aos possíveis problemas. Elas contribuirão à aplicação prática das decisões tomadas.

As organizações se preocuparão de uma maneira permanente à nomeação dos militantes sindicais imigrados, a todos os graus do movimento sindical. Elas perseguirão activamente junto dos trabalhadores imigrados, a campanha de adesão à C.G.T.

Para a realização do conjunto destas tarefas, a utilização dos novos direitos sindicais, deverá ser desenvolvida por todas as organizações sindicais assim como o seu alargamento, e a sua aplicação sem qualquer discriminação.

Com os sindicatos C.G.T., os trabalhadores franceses e os trabalhadores imigrados, lutarão unidos para o bem estar e a democracia. Eles apoiarão activamente os povos que lutam contra a dictadura, pela liberdade o progresso social e a paz.



O ARCEBISPO DO PORTO REGRESSA A PORTUGAL

Monsenhor Antonio Ferreira Gomes, arcebispo do Porto, regressou a Portugal, depois de ter vivido exilado durante dez anos, por razões políticas.

O arcebispo do Porto entrou em Portugal pela fronteira de Vilar Formoso, dirigindo-se em seguida à cidade da Guarda, a fim de se entrevistar com o arcebispo local, assim como, com outras autoridades eclesiásticas.

ASSEMBLEIA DE ESTUDANTES DISSOLVIDA PELA POLICIA

Os estudantes da Universidade do Porto, que se tinham reunido em assembleia, foram dispersados pelas forças da policia, a pedido do reitor. Alguns estudantes ficaram ligeiramente feridos em seguida aos atropelos, e um grande numero de entre eles, foram detidos pela policia.

Estes estudantes tinham-se reunido a fim de examinar certos problemas em relação com a vida

universitária, mas o reitor considerou esta reunião como ilegal, daí resultou o seu gesto.

Os estudantes pertenciam a diversas faculdades, escolas industriais e liceus do Porto.

A CONFERENCIA DE LUSAKA : AUXILIO AOS MOVIMENTOS AFRICANOS DE LIBERTAÇÃO

A conferência de 14 países da Africa central e oriental, começou na segunda feira, em Lusaka.

Ela decidiu de dar um maior incremento ao seu auxilio, a favor dos movimentos que combatem os regimens racistas e colonialistas da Africa central.

Este auxilio, aplica-se aos movimentos de libertação de Angola, Moçambique, Guiné, Rodésia e Africa do Sul.

A conferência adoptou varias moções, em vista, de reforçar os meios de comunicação entre os países participantes.

VISITA DE MARCELO CAETANO AS COLÓNIAS PORTUGUESAS

O presidente do conselho de ministros português, Marcelo Caetano, deixou Lisboa a caminho de Bissau, capital da Guiné, primeira etapa da sua visita às colónias portuguesas de Africa.

Ele era acompanhado do professor Silva Cunha, ministro das colónias, general Venancio Des-

landes, chefe do estado maior das forças armadas, assim como, de uma centena de outras entidades.

Em seguida visitarão Luanda, capital de Angola, e Moçambique.

DEPOIS DO ASSASSINATO DE EDUARDO MONDLANE, APELO DE AMILCAR CABRAL A M. THANT

Amilcar Cabral, secretário do P.A.I.G.C., enviou de Conakry, um telegrama a M. Thant, pedindo que o assassinato do Dr. Eduardo Mondlane, presidente da Frente de Libertação de Moçambique, seja esclarecido, e que ao mesmo tempo, seja inscrito à ordem do dia do proximo Conselho de Segurança das Nações Unidas.

O telegrama afirma « a necessidade urgente de denunciar este crime barbaro, e a condenação do governo português », que recorre à liquidação fisica dos dirigentes de libertação nacional, como represália aos reversos politicos da guerra colonial.

Amilcar Cabral pede a M. Thant de « tomar sem reserva, posição contra este crime, perante as Nações Unidas e a opinião mundial.

GUINÉ : O EXERCITO PORTUGUES EVACUA A REGIAO DE BOÉ

Depois de violentos combates, as forças portuguesas viram-se obrigadas a abandonar os campos entrincheirados de Balana e

Gandembel, ao sul do pais, e Madina, na região de Boé, em virtude de fogo cerrado das baterias de artilharia e da infantaria, das forças do Partido africano da independência da Guiné e das ilhas da Cabo Verde.

No decorrer destes ataques as forças portuguesas sofreram pesadas perdas.

A tomada do campo entrincheirado de Madina, põe fim à presença dos colonialistas portugueses na região, cujo sub-solo é rico em jazigos de aluminio.

OUTRO GRUPO AMERICANO NA PROSPECÇÃO DO PETROLEO, EM MOÇAMBIQUE

A sociedade americana de petroleos « Aunt International » de Dallas (Texas) acaba de assinar com as autoridades portuguesas, um acordo de prospecção de petroleo em Moçambique.

Para tal fim, foi criada uma filial denominada « Aunt International Petroleum Of Moçambique » que investirá em tres anos, 75 milhoes de secudos nas pesquisas de petroleo.

O perimetro das pesquisas será situado no planalto costeiro, entre Beira e Quelimane.

Com a assinatura deste contracto, eleva-se a doze o numero total das companhias, que activamente, procuram petroleo no sub-solo de Moçambique.

As mais importantes são « Gulf-Oil » « Pan Americam » « Hunt » e as companhias francesas S.N.P.A. e E.R.A.P.

MENSAGEM AO POVO DE PORTUGAL

A Conferência Nacional da C.G.T. para a defesa e organização da mão de obra imigrada, reunida em Paris nos dias 15 e 16 de Março de 1969, tendo vindo a ter conhecimento do importante movimento de grèves que neste momento têm tido lugar em Portugal, saúda a luta corajosa da classe operária portuguesa, e assegura-lhe a sua inteira solidariedade.

Ela exige, o restabelecimento em Portugal, das liberdades fundamentais, liberdade de opinião e de associação, o direito para os trabalhadores portugueses de se organizarem livremente, sobre o plano sindical.

Ela exige, a libertação imediata de todos os militantes sindicalistas aprisionados, e a amnistia para todos os presos politicos portugueses.

Ela exige, o fim da guerra colonial em Angola, Guiné e Moçambique, e a completa

independência para os povos das colónias portuguesas.

MENSAGEM AO POVO DE ESPANHA

A 11ª Conferência Nacional da C.G.T. para a defesa e organização dos trabalhadores imigrados, saúda ardentemente a luta da classe operária e das suas Comissões, do povo de Espanha, contra a opressão e a dictadura franquista, pelas a suas reivindicações, a liberdade, e a democracia.

A Conferência condena o estado de excepção que atinge os militantes operarios, os trabalhadores e os democratas espanhóis

Ela aprova o apelo do Secretariado Confederal, e afirma a solidariedade activa, para com a luta dificil de seus irmãos de Espanha.

A Conferência exige o fim do estado de excepção, e a libertação de todos os mili-

tantes operários e anti-Franquistas, vitimas da repressão.

MOÇÃO GREGA

Os participantes à Conferência Nacional da C.G.T. para a organização dos trabalhadores imigrados, solidários dos trabalhadores e patriotas gregos, elevam o mais enérgico protesto contra a prisão e torturas, infligidas aos melhores defensores do liberdade, da democracia e da paz.

Eles pedem a libertação de todos os aprisionados politicos e restabelecimento dos direitos e liberdades, na Grécia.

Paris 16 de Março de 1969

IIª Conferência Nacional da C.G.T. para a defesa e organização dos trabalhadores imigrados.